

# O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. . . . . 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO  
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro -- Domingo 16 de Novembro de 1879

N. 48

## O ARTISTA

Desterro, 16 de Novembro de 1879.

### Reflexões sobre a instrução popular.

III

Quem não tem desenvolvida a intelligencia, ou tem corrupto o coração (basta uma d'estas cousas) não vive da plenitude da vida, é um ente semimorto, incompleto! (D. Antonio de Macedo Costa.)

Para a educação physica instrua-se o povo nos principios de hygiene; para a moral na religião catholica, que é, de certo, a escola da mais perfeita moral, não grado dos chamados espiritos fortes.

Cortem as sizanias do fanatismo e da superstição; ensine-se ao povo a religião, que surgirão homens morigerados, bons cidadãos, bons paes, bons esposos, bons educadores.

Pelo menos na infancia preparem um povo futuro, que se possa denominar com razão um povo livre e soberano.

Adoptem o ensino obrigatorio; fundem-se (o que é mais racional) internatos, onde mais especialmente se possam educar os meninos.

D'esta arte não succederá, como infelizmente succede, que uns edifiquem para outros destruirem.

Não se preocupem com mal entendidas economias, quando se trata da edu-

cação,—a primeira base da felicidade do cidadão, da familia, da sociedade, da nação!

Estou com o sr. Silveira Martins, que na camara dos deputados sustentou que quando se trata de matar a fome ao povo não se olha a economia.

Pois bem! A fome do pão material não é necessidade mais urgente do que a fome do pão da intelligencia!

O homem é corpo e alma; consequentemente, necessita de pão para o corpo, assim como para a alma.

Dar-se-lhe exclusivamente o pão para o estomago, é fazel-o hobrear com os irracionaes; é fazel-o perder a essencia; é aniquilal-o!....

O homem é dual; tambem, deve ser a sua nutrição.

Pão para o corpo, e pão para o espirito. Mas que vejo?

Desordem, confusão, miseria,

Aqui só cura-se do physico; alli só do moral; acolá só do intellectual!....

A divizão!....

Sim, a fatal divizão em todos e em tudo é que tem produzido fatalmente os maiores males.

Deixem-se de exclusivismo e de preconceitos; unam-se e façam-se fortes!

Busquem reunir todos os elementos que se tem separado; reine a união entre os politicos, entre as sciencias e as artes, reine a união nas faculdades individuaes; reine a união nas trez educações; sem cuja associação não pôde haver edu-

cação real !.,

D'esta arte será cada cidadão uma força; e consequentemente, a sociedade uma grande somma de forças!

Então não haverá mais meias vidas; não haverá mais meios povos; não haverá mais meios homens!

Praia Comprida, 17 de Setembro d' 1879.

W. BUENO.

## LITTERATURA

### O amor

Palavra sagrada, cuja significação o homem jamais poderá comprehender.

Sentimentos grandioso, que alimenta os corações dos viventes.

Digo dos viventes, porque não é só nos corações dos racionaes que o amor existe, tambem nos dos irracionaes.

As feras, assim como nós, tambem tem amor aos seus filhos; tambem por elles se sacrificam.

Para prova, penetre-se no escondrijo da leão e tire-se-lhes os filhos.

Ella, dando pela falta d'elles percorrerá montes e valles, esquadrinhará os mais sombrias profundezas da floresta, uivando; e si os não encontrar voltará triste, cabisbaixa, devorando em seu peito offegante a sua dôr.

## FOLHETIM 28

### IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

POR

ALEXANDRE DUNAS

TRAD. DE M. PINHEIRO HAGAS

—Mas espero em Deus que isso nos não impeça de jantar?

—Ahi tem a resposta, disse-me o capitão.

—Está o jantar na meza, disse um laçao, abrindo a porta.

Entrando na casa de jantar, vi que o capitão e o tenente tinham cada um um par de pistolas ao lado do prato; além d'isso, de cada vez que se abria a porta,

viamos na ante camara dois bandidos com a sua carabina ao hombro.

A refeição foi silenciosa, como se pode imaginar, mas correu sem novidade. Eu sentia instinctivamente que nos aproximavamos da catastrophe, e não a via chegar sem tal ou qual inquietação.

Depois da ceia, o capitão pôs sentinelas por toda a parte.

—Minha Rinasinha, disse elle, peço-te perdão por te não fazer companhia, mas é necessario que vele pela nossa segurança. Fazias bem se te deitasses vestida, porque podemos ser acordados de noite, e então é bom que estejas prompta, para poderes ir para sitio seguro.

—Farei tudo que quizeres, respondeu Zephyrina.

—E eu muito lhe agradeceria, sr. Louet, se tomasse as mesmas precauções.

—Estou as suas ordens, sr. conde,

—Agora, minha Zephyrina, se queres ter a bondade de nos deixar o rez do chão temos que tomar algumas disposições, que não são conciliaveis com a presença de uma senhora.

—Vou para o meu quarto, responden a menina Zephyrina.

—E eu tambem, disse eu.

O capitão chegou-se a uma campainha.

—Isto vai bem, sr. Lonet, disse Zephyrina, esfregando as mãos.

—Isto vae máo, respondi eu sacudindo a cabeça.

—Levem este senhor e esta menina cada um para o seu quarto, disse em italiano o capitão. Depois acrescentou em voz baixa algumas palavras que não podemos ouvir.

—Espero que tudo isto seja rebate falso, disse Zephyrina.

O que é isto ? O amor de mãe.

O amor das feras não é tam delicado como o nosso, mas nem por isso, deixa de ser menos forte.

Assim como nós, os irracionais tambem luctam para defender o objecto amado; porque o amor dá força aos fracos.

Subi à uma árvore e tirei o ninho de qualquer passaro.

Si elle ahí estiver, luctará contra vós, e ser-vos-ha difficil, conseguir o vosso fim.

Quem é que lhe força para luctar contra um homem ?

O amor ?

Sim. E' o amor, esse sentimento sublime, concedido por Deus aos viventes, que lhe dá força.

O nosso amor é, como vimos de dizer, mais delicado do que o dos irracionais, porque possuímos esse organ que exprime, não todos os sentimentos do coração, mas alguma parte delles, — a voz.

A linguagem do amor é muda, mas mui facil de comprehender-se; porque o languor dos olhos, o soabrir dos labios, o colorir das faces, o arfar do seio exprimem muita cousa, dizem mais do que milhares de palavras.

O amor é a vida da mulher, diz um notavel escriptor.

E tem razão.

A mulher que não ama, é o mesmo do que uma flor que desabrocha n'um logar êrmo, e que ahí morre sem nunca brilhar; é o mesmo do que o firmamento sem estrellas, do que o céu sem anjos, porque o amor é o mais bello adorno da mulher.

O homem já não é assim.

O homem ama, é verdade, mas é quando os olhos da mulher plantam-lhe esse sentimento no coração.

E se algumas vezes elle ultrapassa os limites do amor, é porque a mulher amada assim o quer.

A mulher, que ama, satisfaz todos os desejos do homem amado, mas, em compensação, elle sacrifica-lhe tudo, até o seu proprio sangue, si ella o pedir.

Em uma palavra: o amor é o elo que liga o homem a mulher; é, finalmente, o ponto marcado por Deus para o homem e a mulher encontrarem-se.

Sancho Paça.

## COLLABORAÇÃO

### Cemiterio publico

Em todos os tempos, em todos os paizes, mesmo entre as nações gentias, tem sido sempre objecto de especial veneração, por parte dos vivos, o lugar onde descansaõ os manes dos antepassados.

Os cemiterios, portanto, tem sido, até hoje, considerados e com razão, um lugar digno de respeito, merecendo sempre todo o cuidado indispensavel para o seu accio e conservação.

Entre nós, porém, que nos temos na conta de nação civilizada, acontece absolutamente o contrario.

A mais desnaturada incuria, o maior desleixo para com o ultimo azylo onde descansaõ os restos de cutes que nos foram tão caros, eis o que geralmente caracteriza o nosso povo, cuja indifferença sempre crescente para com os deveres mais naturaes, e as mais sagradas instituições, significa, talvez, a decadencia moral de nossos costumes.

Como sempre acontece neste vasto paiz, onde não ha um systema determinado para cousa alguma, onde se desconhece o methodo que deveria sempre presidir á todas asno-ssas construcções, as quaes apresentão o typo variado e negligente das nossas raças mescladas, o nosso cemiterio se resente desse descuido, proverbial dos povos indolentes.

O lugar onde elle foi estabelecido é o menos apropriado para o myster a que se destina. Eis o seu primeiro defeito. E' o unico cemiterio que vemos em terreno accidentado; todos os que conhecemos são assentados em planicie e nunc na entrada das cidades, freguezias, villas, ou povoações. Impressão bem desagradavel deve de experimentar todo o individuo que ao chegar em uma cidade estranha a primeira couza que se lhe

antolha, em vez de um objecto alegre, seja o lugar onde o chorão e o cypreste indiquem o campo funebre, morada do pranto e da saudade !

Alem desse grande defeito, acha-se o cemiterio publico desta cidade completamente aberto, e até hoje tem servido de pasto para cavallos, cabras, etc. etc.

E' realmente para contristar o estado precario desse lugar, que deveria merecer todo o cuidado da nossa idilidade, pois cremos que elle é uma fonte de renda para os cofres municipaes.

A falta de ordem no enterramento dos cadavres, cujas sepulturas achão-se abertas em todos os sentidos, de sorte que não se pode deixar de passar por cima dellas, por não haver passagem sufficiente entre as mesmas, a nenhuma simetria na collocação das catacumbas, a completa auzencia do accio, bom gosto e indispensavel methodo no ramo de tal servico, a pouca vigilancia aquem de direito compete, são factos bem graves e que assaz depõem contra os fóros do povo civilisado.

O administrador do nosso cemiterio não tem os meios a seu alcance para ao menos, conserval-o aciado. Elle mesmo ali está exposto a brutalidades de certos individuos que algumas vezes tem procurado derespital-o. Isso tem acontecido quando ali vão enterrar al-

E' indispensavel ali ter constantemente uma guarda para conter estes e outros abusos, como seja tirarem objectos de uma sepultura para collocar em outra, facto este que se tem repetido já por vezes, sem que a autoridade do administrador seja sufficiente para conter os autores dessa especie de furto.

Ha pouco tempo dando-se um facto desses, o administrador que se achava presente quiz obstal-o, como era de seu dever. O actor, que é uma ex-praça do Exercito, aggreidio-o com tal violencia que aquelle senhor ficou com a roupa toda rota em consequencia da luta que foi obrigado a sustentar contra tão brutal individuo.

São factos esses que revoltão-nos e para elle chamamos a attenção das competentes autoridades.

Que o cemiterio deve ser completa-

—Hum ! não sei porque, tornou o capitão, tenho um mão presentimento. Se tiver um momento de meu, Zephyrina, lá te vou ver. Boa noite, sr. Louet.

—Boa noite, capitão, disse eu ao sair. Zephyrina tinha ficado um pouco atroz, mas quando eu já tinha subi-o os primeiros dez degraus, vi-a apparecer.

Parei para a esperar, mas o bandido que me guiava deu-me logo um empurrão.

Metti-me no meu quarto: o bandido deixou-me o candieiro e saiu; ao ir-se embora fechou a porta à chave.

—Hum ! disse eu, segundo parece, estou preso.

O que eu tinha a fazer era deitar-me em cima da cama e foi o que fiz; ali passei muitas horas, immerso em tristissimas reflexões. Comtudo a pouco e pouco embraha-am-se-me as idéas, de quando em quando estreamecia e abria uns olhos

muito pasmados, afinal, à força de os abrir, fechei-os de vez e adormeei.

Não sei ha quanto tempo dormia, quando senti que entrava alguém no meu quarto, e me sacudia pelos hombros.

—Subtto ! subito !

—O que temos de novo ? perguntei eu, sentando-me na cama.

—Non c'è niente, ma bisogna seguirmi.

Percebi pouco mais ou menos que esse homem me ordenava que o seguisse.

—E aonde é que bisogna eu hei de seguir-o ?

—Non capisco. Avanti ! avanti !

Aqui estou ! aqui estou ! que diabo ! parece-me que não ha fogo em casa.

—Avanti ! avanti !

—Perdão ! perdão ! eu não deixo aqui o meu violoncello.

Não quero que succeda algum mal ao instrumento; espero que me não seja prohibido levar o violoncello.

O bandido fez-me signal que não, mas que era necessario despachar-me. Puz o violoncello às costas e disse que estava prompto a seguir-o.

Então, caminhou adiante de mim fez-me atravessar muitos corredores, depois descer uma escadinha, depois abrir uma porta, e achamo-nos no parque.

Começava a romper o dia.

Não lhes posso dizer as voltas e reviravoltas que dêmos; emfim entramos na matta e no sitio mais sombrio descortinamos a abertura de uma gruta. Vi que seria esse o meu aposento provisorio.

Principiava a reconhecer as apalpadellas as localidades, quando de repente senti que me pegavam na mão.

Continua.

mente cercado e existir ali uma guarda permanente são cousas de facil instituição e de urgente necessidade.

Admira-nos até como se haja desleixado completamente esse lugar por todos os titulos digno de especial cuidado.

Não basta querermos estar no nivel das nações civilizadas; é preciso tambem que para isso trabalhemos constantemente, e que os factos não venhão desmentir o conceito que nós mesmo formamos.

*Res, non verba.*

**Correcção.**— Na pagina 2ª columna 3ª. na 33ª linha, em seguida a palavra *al*—lea-se o trecho seguinte:

gum paraguay, pois é sabido que nessas occasiões grande numero de mulheres dessa nacionalidade costumão acompanhar até o cemiterio o feretro de seus patricios, acontecendo sempre embriagarem-se depois da cerimonia e não poucas vezes tambem praticarem actos que revoltão a moral.

## POESIAS

### O sapo, os dois rouxinões e o macaco velho.

(Fabula original)

A dois rouxinões chorando  
Macaco velho encontrou;  
D'essas lagrimas sentidas  
Qual a causa perguntou.

—Pois foi o sapo nojento  
Que chamou-nos urubús!...  
Responde o velho: « Meus caros,  
Isto é proprio d'um lapuz!

Vós sois da alva os cantores,  
Q' enlevais o ceo d'anil,  
É aquelle reptil rasteiro  
Como a lãna é sempre vil!

Bem pôde o sapo nojento,  
Como quizer, coachar;  
Revoareis pelos ares,  
E sempre haveis de cantar!

Sempre reverte a calumnia  
Ao vil caluniador;  
O sapo sempre é rasteiro,  
E o rouxinol um cantor!

Corte a lingua do intrigante  
Pela alta reputação;  
Sempre será desmentida  
Tam temeraria asserção!

Praia Comprida, 5—9—1879.

W. BUENO.

## Soneto

« Minhi'alma é um montão de ruínas n'  
(um arido deserto,  
um abysmo d'ais e suspiros »

Da mundana lide, eis que cançado  
C'o alyra toda espedaçada  
Alma do suspiros retalhada  
Cumpre o infeliz seu triste fado.

Ai! que viver mais desgraçado!...  
Que sorte tão crua e desasada!..  
Quem assim tem vida amargurada  
Antes já morrer, ser sepultado.

Só eu trisie padeco fêras dôres  
Immensas e de fel, sem terem fim  
Envolto no véo dos dissabores.

Oh! Christo eu não sei se só à mim  
Dêste essa vida d'amargores  
Pois que é demais soffrer-se assim!

Desterro, 9 de Novembro de 1879.

Cruz.

## NOTICIARIO

### Declaração

O editor-proprietario deste periodico e os diversos collaboradores que constituem a sua redacção, nada tem de commum com as publicações de interesse particular n'ello feitas á pedido de seus assignantes, ou de outras quaesquer pessoas idoneas, como aliás é de regra na imprensa jornalística.

Devem, porem, os autographos vir assignados, sellados e competentemente reconhecidas as assignaturas, como é de lei.—

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos as respectivas redacções remessa dos periodicos seguintes:

Despertador, Regeneração, Municipio, A Verdade, O Indicador, A Opinião, O Reverberio, A Gazeta de Uberaba, Correiado Natal, Jornal de Queluz, O Orbe, O Povo, Nova Aurora, Baixo Amazonas, A Ideia, Theophillo Ottoni, Jornal de Campos, Grinalda, Gazeta de Taubatê, Jornal do Penedo e o Mosaico Ouro-Pretano.

—Da correspondencia de Paris de 23 de Setembro, para o Orbe de Macció extrahimos a noticia seguinte:

Por hoje, só quero mencionar o relógio de meza cosmographico que alli se admira. Esse relógio dá a hora em todos os paizes, o dia, o mez, a estação, o tempo medio, mostrando ao mesmo tempo o duplo movimento da terra por meio de um globo de metal superposto ao relógio. Este admiravel relógio, que em breve, figurará em todas as escolas e lyceus, para facilitar as lições de cosmographia, custa apenas oitenta mil réis. D'esse modo, não só a escola possui um instrumento scientifico admiravel, mas ainda um movel rico e elegante. A ponto essa utilissima invenção aos directores da instrucção publica do nosso paiz. Consta-me que D. Pedro II comprou meia duzia d'esses relógios de meza ao fabricaute, o sr. Hénaud.

**Nova locomotiva.**—O jornal inglez *Sassac Express* refere, em um dos seus ultimos numeros, uma experiencia que se effectou em um dos caminhos de ferro em uma nova locomotiva.

O motor desta locomotiva não é o vapor; é uma manivella que os passageiros fazem mover.

Esta locomotiva vai ser empregada na conducção dos guardas e rondas dos caminhos de ferro, e anda com uma velocidade de 15 a 20 milhas por hora.

Do Mosaico.

## VARIETADE

### PEDRO E LUIZ

« Conto »

(Continuação do n. 33.)

Pedro e Luiz, foram infelizes no primeiro combate, em que entrarão, pois foram feitos prisioneiros, e detidos em uma horrida prisão, onde dia e noite passavão ambos recordando-se do q' e iria pela casa materna, cheios de saudade e acabrunhados pela incerteza de serem suas mães mortas ou vivas.

Nessas e outras considerações passavão elles todo o dia, desde a hora em que despertavão, até a do recolher-se ao estrado, onde dormião.

Um dia o sol havia surgido mais brilhante, e o coração dos infelizes prisioneiros, como que tinha sentido um prenuncio de liberdade.

Foi o unico dia em que elles cantarão na prisão, saudando o nascimento da aurora.

Ao meio dia ouvirão o estampido da artilharia que estava proxima; notarão grande movimento do povo paraguay e virão que a prisão estava abandonada.

Uma hora depois um batalhão de soldados brazileiros penetrava na villa abandonada, seguindo ao incalço do inimigo, que havia tergiversado á marche maache.

O contentamento de Pedro e Luiz, foi indizível, quando virão a bandeira brazileira, conduzida por um garboso official, levada em triumpho no meio de vivas estrepitozos e de geral satisfação.

Para elles dirigiram-se alguns officiaes, que os reconhecendo brazileiros, abrirão as prisiones e derão-lhes a liberdade, ha mais de dois annos passada entre tormentos e privações.

Os officiaes e muitos soldados, dentre elles alguns conhecidos, abraçarão os prisioneiros e depois de algumas indagações, os municiarão em ordem de marchar.

A pequena distancia, por traz de um despenhadeiro, ouviu-se um toque de alarma e grande alarido.

D'ali a pouco sentiu-se o tropel da cavallaria inimiga, que vinha á desfila-da, e, por manobras militares, os soldados brazileiros occultarão-se em um silvado proximo, que ficava por traz de

um pequeno monte, proximo a um tri-  
vio.

A cavallaria seguiu rumo diverso e a  
estrategia, lembrada de momento, for  
reconhecida como um grande plano de  
guerra.

Desfilou então o batalhão por uma im-  
mensa planicie depararão com o inimigo  
à sesta.

Travou-se uma luta renhida, até que,  
os paraguayos, perdendo grande numero  
de seus soldados, forão reforçados por  
mais duzentos homens de infantaria.

Pedro e Luiz brigavão com denodo  
inaudito, e no meio da escaramuça, ani-  
mavão seus companheiros; uma ala de  
valentes soldados levava de veccida o  
reforço chegado.

Cresce o numero dos inimigos e a  
victoria para os brazileiros ternava-se  
incerta!

Pedro e Luiz não erão homens, e sim  
leões destimidos; não recuavão um só  
passo!

Morrerão, quasi que a seus pés, um  
Major e um tenente, e, envez de desa-  
nimarem por esse revex, possuirão-se de  
mais furor pelo combate, que já estava  
bastante encarniçado, e em gritos de ani-  
mação—repellião—o inimigo.

Restavão poucos soldados brazileiros e  
os dous destemidos moços sustentavão  
com honra o terreno em que estavam.

Ião quasi já ceder ao cañão da pejeja  
quando inexperadamente vêem os pa-  
raguyos assaltados pela cavallaria bra-  
sileira.

Redobráo de exforço, e, com os poucos  
que tinham, alcanção a victoria!

Esse acto de heroismo foi tomado em  
consideração, e no dia seguinte Pedro e  
Luiz erão Alferes do exercito.

Em muitos outros combates entrarão  
elles e por suas bravuras havião alcan-  
çado, Pedro o posto de capitão e Luiz o  
de Major.

Como ambos se achassem invalidos pe-  
grande numero de ferimentos, que ha-  
vião recebido, voltarão à patria, onde os  
esperavão suas mães enfermas e velhas.

Luiz como Major, já não era o mesmo  
homem, pois tornara-se orgulhoso e tra-  
tava Pedro com indiferença.

Quando chegarão a provincia foram  
alguns amigos recebel-os a bordo: indo  
Luiz para um hotel e Pedro para a  
choupana onde residia sua mãe.

O mau procedimento de Luiz foi  
notado por todos e o de Pedro, pelo con-  
trario, applaudido.

Oh! que de prazer e ventura para a  
mãe de Pedro, tendo em sua companhia  
um filho capitão do exercito, em quanto  
que a mãe de Luiz era desprezado por  
seu filho!

Pedro valia a mãe do seu companheiro  
de armas, que banquetevava-se gastando  
em orgias o que conseguira na guerra.

A má vida do Major Luiz, os amigos  
que o cercavão fizerão—no em pouco tem-  
po perder a consideração de muitas pes-  
soas, e o resultado a que chegara, cau-  
sava do e compaixão pelas repetidas em-  
briaguezas a que entregavam-se.

Dizião pezar sobre elle a maldição do  
sua mãe.

Pedro pelo contrario era estimado por  
todos, feliz e satisfeito gosava junto de  
sua mãe as honras que adquirira sendo  
ambos bem ditosos.

Um anno depois casara-se sua irmã  
com um alferes, seu amigo e companhei-  
ro de campanha.

A felicidade sorria para toda a familia  
que antes havia soffrido os rigores de  
austeras privações e hoje desfructão na  
abundancia os dias alegres.

O Capitão Pedro foi elevado ao posto  
de Major, commandante de uma compa-  
nhia fixa da capital da sua provincia,  
em quanto que o Major Luiz, desprezado  
pelo vicio da sua embriaguez, morreo no  
hospital, coberto de ulceras, tendo ape-  
nas as honras funebres, que lhe erão  
consagradas como militar que era, sem  
carinho de sua mãe e sem amigos que o  
snavisassem na hora das suas amarguras

Eis aqui uma boa lição.

Para o homem vaodoso o castigo fu-  
nesto; e para o filho obediente a re-  
compensa de sua acções generosas.

C. COSTA.

## À PEDIDO

LEMBRETE

AO

BOBO ENFUMAGADO

Insulso poetrasto tem o mundo  
Que da limpa boca cospe e solta  
Aquillo que possui em demazia  
E digno de quem sahe—á ella volta.

Cóce bacho  
(poeta inspirado)

## SECÇÃO UTIL

**Massa que resiste a acção  
do fogo e da agua.**

Tome-se meio litro de leite e misture-  
se com um pouco de vinagre de maneira  
a fazer coalhar o leite. Separe-se em se-  
guinda o leite coalhado do sôro e ajunte-

se a este ultimo as claras de quatro ou  
cinco ovos depois de bem batidas.

Estas duas substancias estando perfei-  
tamente misturadas junte-se-lhes cal  
viva peneiaana, formando uma massa  
que adquire em poucas horas a consis-  
tencia do barro vidrado.

Essa massa, empregado com cuidado  
para soldar peças quebradas, fendidas  
ou gretadas, de qualquer especie que se-  
jam, resiste ao fogo e a agua, se se tiver  
o cuidado de deixar seccar bem depois do  
seu emprego.

(Do *Jornal do Agricultor*)

## ANNUNCIOS

# ALFAMA TARIA

DO

## BOM GOSTO

3 LARGO DE PALACIO 5

### Guelfo Zanirati

Tem sempre completo sortimento de  
pannos, casemiras e brins.

A prompta obras com toda a brevida-  
de e modicidade nos preços.

## Henrique Juge

Ex agente da casa de Mr. F. W.  
Reynold & C. Londres.

Tendo regressado da Europa e tendo  
sido premiado na Exposição Universal  
de Paris em 1878 com medalha de prata  
pelos seus trabalhos, acha-se pois habi-  
litado á fazer todo e quaesquer concertos  
em machinas, por mais complicados que  
sejão, por preços commodos.

RUA DO PRINCIPE 164.

## FUMO

Na casa de negocio da rua da Lapa n. 20  
vende-se fumo chegado de Jundiahya, a  
1\$200 o kilo; em pacote 1\$000.

## Atenção!

O abaixo assignado participa ao res-  
peitavel publico que abriu uma loja de  
barberia á rua do Principe n. 106; espe-  
ra a protecção dos seus amigos e fre-  
gueses.

José A. Duarte Silva.

Typ. e Lith. de Alex Margarida.  
28 Rua de João Pinto 28